ORIENTAES



HASTORA TYPOGRAPHIA «RANGEL)

19.04

DE NASCIMENTO MENDONÇA

VERSOS

No prelo:

A. LUA

Em preparação :

ETERNA DOR.

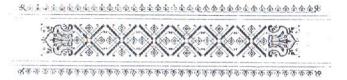
Ao meu mestre

DOUTOR ALBERTO OSORIO DE CASTRO

Remy de Gourmont

Emile Derhacien

Rodyard Hepling



In Amaritudine

1

Um luar de balada doce e frio Enche de prata as aguas murmurantes. Lembram a sintilar pó de diamantes Sob os raios d'um sol forte d'estio.

Saem vozes da agua brandas, doloridas Como um murmurio de azas veludadas. Voam nuvens no Asúl algodoadas, Cantam no mar sirenas esquecidas. Mar gigante, sutil, fosforescente! Quem te arripia as aguas sonolentas? Serão ais de dôr essas brisas lentas. Mar que sintilas ao luar fulgente?...

...O horisonte é sem bruma, o cen é puro. E são puras as humidas neblinas. No gesto lento lembram as ondinas —As brancas Illusões do men Futuro

Passa ante o meu olhar de anacoreta Uma Visão gentil de oiro e de neve. E'a branca Flor do meu Passado leve —Primavera d'um Sonho de Poeta.

Em seus olhos sutis, doces e garsos Velhas sensibilidades riem mimosas : E' de agata a garganta, meiga a rosas. De oiro o cabelo em turbilhões esparsos. 11

A noite é fria, a lua é já funesta. Pouco a pouco é mudado o ceu tranquilo Caprichos de luz! Eu até vacilo Vendo a velhice sobre a minha testa.

Como um vento que chora na vidraça. Como a vaga que geme nas areias. En sinto na alma um chôro de Sereias. —Um cortejo de Dôr que lento passa.

E triste e só, saudoso e resignado, Escuto o mar fleugmatico e impotente Com dor erguer a Alma ao luar fulgente N'um rebramir de vaga alucinado Noite de lua e de tristeza muda Suspensa do horisonte da Amargura !... Espelho onde reflete a Desventura. Que do mesmo Cen palido transuda.

Como o pranto d'um Christo resignado O orvalho cae no calice da flor, Fere-me o olhar uma Visão de Amor Chora em silencio o Cen desconsolado.

E a Alma humana sublime e temeraria Ao fitar o horisonte baço e frio, Vê num Futuro menos doentio Em ceu mais claro a Lua solitaria.



Fervet Amor.

A ave que ao ceu se levanta Com grandes fomes de luz Treme, vacila e se espanta Vendo a treva que produz Tempestades e trovões E o bramir dos furacões.

Assim quando eu alevanto
Ao teu o meu doido olhar,
Tremo, vacilo e me espanto
Se penso que hei-de tirar
Os meus olhos d'onde os puz
—Do infinito d'essa luz.

Tremo, que é bem certo. Flor. Que o ten olhar já não gosta De vêr-me o olhar todo-amor. En sei que isto te desgosta ...Perdôa-me se amofino O ten olhar peregrino.

E es tu mesma essa mulher Que me toma o pensamento. Que me faz no ceu viver Nas raias do firmamento ...E es tu mesma, que não ha Mais, quem mais prazer me dá

Mas se penso na desgraça
De algum dia te perder
Antes quero a amarga taça
Que envenena-nos, mulher,
...Antes, muito antes o espinho
Que mata a avezno ninho

...Feliz de quem morre quando A felicidade espera: Estar sonhando, sonhando. Dormir co'a mesma quimera.



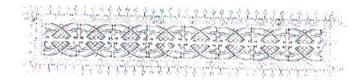
Intima ventura

No damasco do leito Ella a sonhar descança : Coração de creança Num veludado peito.

Um riso satisfeito Os seus labios amansa, E por certo a Creança Pensa no seu eleito.

Dornie! pomba de neve! Sorri! flor, num rir breve. Melodioso, albente—

E eu pensarei no entanto Que a ave, que o meu encanto Em mim pensa somente.



Sacuntala

Virginal e arquejante sob o *chôl* Aquelle seio niveo de sultana Nem vibrou ao sorrir d'um Grão-Mogôl. Sonho nenhum sua pureza empana.

Creança das creanças auroraes Pura entre as puras que o sol inda vin. Sua Alma tem visões celestiaes Que ninguem mais mimosas as sentin.

Ao vê-la passar pura e recatada Cantam os moruonis nos palmeiraes ; E o seu corpo de flôr imaculada Tem vibrações dos tremulos mirtaes. E pura a sua voz como uma prece

Eco mimoso de hino sacrosanto.

Som azul e macio que adormece,

Tenue e saudoso como um triste pranto.

A harmonia suave dos contornos, A imaculada luz do seu olhar, O seu todo tão lindo e sem adornos Dam-lhe a graça d'um tepido luar.

Dir-se-ia ao vê-la timida e hesitante. Palpitando no pano delicado Que era a formosa Sita deslumbrante Sob um luar suave e aveludado.

O seu pesinho nú se acaso pisa
 A fresca relva verde das campinas
 —Que mimo no seu pé quando deslisa!
 Enche de aroma as virides campinas.

Vem ungida de mirra e de baunilha. E do calido nardo de Chaul; E bem se vê que é de Menica a filha Nessa voz cristalina de bul-bul.

E passa envolta em mistica tristeza Saudosa d'um explendido Ideal Que é feito de oiro astral e de incerteza. Visto atravez da Aurora boreal. 11

Que sonho virginal de amor tão puro Não encheu de fel sua Alma infantil. Empanando sem dó o seu Futuro.

Seduzia-lhe a Luz primaveril. Enchia-lhe a Alma uma Illusão doirada D'um perfumado vento bom, sutil.

...Não sofrem tanto os lirios da alvorada. As rosas não soluçam quando a Vida No calice palpita, albodoirada. Ao vê-la assim mimosa e dolorida. Lembra a gente uma pomba que dos ares Subitamente cáe no chão ferida.

Pomba esquecida longe, nos palmares. Pomba sem azas, cheia de saudade. Que tenta em vão erguer-se á Luz, nos ares...

Alma buscando os longes da soidade. Os tristes ermos de visões sombrias. Alma que anela a loira imensidade

E vê no espaço côres doentias. Um luar amarello e funerario Na pesada mudez de noites frias... III

E dirigindo-se a elle, amado e esposo ; —« Não me conheces, disse, Alma empedrada ? Moven-te apenas o impeto do Goso ?

E nesta boca san e immaculada Pousaste apenas um impuro beijo —Onda d'uma paixão inconfessada?

« Foi apenas mordido d'um feroz desejo Que tu me desataste as vestes puras. Com fémentidas juras, e sem pejo? « É eram falsas e vis as mil ternuras Com que me enchias a Alma de creança. Numa sensação morna de venturas ?

Tu desataste as minhas negras tranças. Tu me falaste d'um amôr ardente, Puro como o sol, cheio d'esperanças.

Foi testimunha o Deus Omnipotente, E o Juiz que tu tens dentro do peito —A tua Consciencia que não mente.

E como um souho ficará desfeito Todo um mundo de luz que arquitetei, Meu pobre coração insatisfeito? »

Depois fitando o ceu-«Não sei, não sei...

IV

Sobem ao ceu sutis e soluçantes Os seus prantos ardentes e doridos Como nevôas de incenso palpitantes. Como preces de lirios recolhidos.

E os deuses que ella adora piamente Ouvem as suas preces com piedade. No carmim do seu labio vae fremente A dôr d'uma teimosa realidade.

Dôr enorme, dor perturbante e forte Que enche o seu ser, que irrompe do seu seio : Parece que se muda a dura Sorte Ao vê-la assim em desmaiado anceio. Na morna sensação da noite linda Mais lhe tortura o duro Sofrimento; E a lua cheia de Saudade infinda Enche o profundo asul do firmamento.

Um murmurio suave e penetrante Vem dos palmares como um sagrado hino; Lembra-lhe o andar do estremecido Amante. D'um tom imaculado e cristalino.

No alto da arvore o ninho que palpita, E o soluçar do murmuro regato, Na casinha a creança que dormita. Tudo recorda o adorado ingrato.

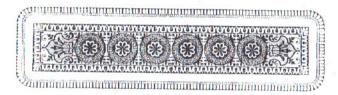
E a scismar soluçando, diz comsigo :
« O' loiro sonho de infantil ventura!
Só sabe quem amou um gosto amigo
O que é perder-te, Luz, na Desventura.».

Que mimo nessas lagrimas de Dor! Chora-se assim um Sonho esvaecido Do mais profundo e virginal amor. E o triste bulir sêco da folhagem Que o sol valente derramou no chão Lembra-lhe do Passado a aurea miragem. E as mortas Husões no coração.

A sua face explendida e orvalhada De cinamomo e lagrimas sentidas E' bella como a neve que inundada De sol tem vibrações doloridas.

Que dôr enorme em sua face cava Sulcos por onde o seu pranto resvala!... Que lindo o seu perfil rasgado em lava, E que lindo o seu nome—Sacuntala.

E o palmar solitario em volta escuta Aquella Alma mimosa a soluçar Chora assim em eterna e acêsa luta O encantado, fleugmatico, e grande Mar.



Poema de Amor

(Indianas)

A Prindade Goelho

Ella:

Doida de amor eu procuro Os teus vigorosos braços; Sou um lirio terno e puro, Tremerei nos teus abraços.

Mas tremerei de ventura, Como treme a gota do orvalho. Se a beija o sol na verdura, Suspensa d'um tenro galho.

Sôb esta cacimba fria Que molha de manso as flores Só por ti que eu saía, Só por um bem—o de amores...

Elle:

Que voz tão suave a tua Que todo o frescor resune, E no ambiente fluctua Como um riso ou um perfume.

Que ternuras !...Que doce sumo D'um pómo celeste e doce —Agua de Ganges ou fumo D'um sonho que dissipou-se.

Quando cáe na alma o trino D'essa voz como uma folha De mogarim matutino Eu sinto que alguem m'a molha

Com os prantos do luar !...
Tu tens uns cristaes tão de oiro
Na garganta a magicar.
Meu adorado tesoiro !...

...Que lindos ofhos...Que ofhares.--Doces como um doce favo. São dois vivos nemufares Com o cheiro bom d'um cravo.

Se cui mim pousas brandamente Esse olhar feito de magua E como um carvão ardente. Vou numa corrente de agua. Embriaga-me, enlouquece O teu halito divino, Não é mais pura uma prece —Cinamomo peregrino.

E o sandalo d'essa bôca l'equena e voluptuosa, Não vi mais fresca, e mais louca Abrir-se á luz uma rosa.

Os pesinhos nús—que lindos! Quando eu te sinto passar Ouço uns pruridos infindos De beijos e sythars no ar.

E esse sorriso que entorna O nardo bom sobre mim —Ai! que taça!—essencia morna D'um cantante mogarim.

Ella:

Eu era muda, e oje falo...
E o meu puro coração
—Oh! se não te digo estalo!—Foi virgem como as flor's são.

Mas quando ouvi esse nome Nunca ouvido em Valdahor, Senti um como tremor, Tive sêde, e tive fome Depois quando me falou Aquella voz peregrina Fui deitar-me na campina. E o men coração sonhou...

E elle veio junto a mim, Forte como um elefante, E chamou-me sua amante, A mim que sou linda assim...

En disse-lhe então sorrindo:
Como tu es tão bonito!
Uma estatua de granito.
Um elefante tão lindo!...

Tu es meu guia e meu norte A desejada palmeira, Eu, a fragil trepadeira Tu, o bom, o doce, o forte.

Sinto brazas; é o amor; Dá-me a beber leite e mel Minha bôcca, o fino annel. Sente um explendido ardor.

Vem ler-me os sagrados Vêdas. E ó formoso « Sacuntala »; Tua voz minha alma embala. E é mais macia que as sedas. Porque tu não vens, amado Sobre um carro feito de oiro Buscar-me? Tu es meu tesoiro, Tão gracil como um veado.

Porque tu não vens viver Entre as ondas do meu peito? Porque não vens, meu Eleito. A mim os beijos colher?

As virgens de Pindhawar Sam acaso mais formosas? Ou tem mais frescura as rosas? Ou é mais casto o luar?

E' por ti que eu falo agora, E' por ti que eu ouço, amor; Vem dormir ao pé da flor, Dar-te-ei um lençol de aurora.

E em quanto os meus olhos vejam Luz, vêr-te-ão a ti somente; A ti que ris docemente, A ti que os meus labios beijam.

Elle:

És formosa como a rôla, Cantas como o moruoni; Como a brisa o mal empola, Em teu peito o amor sorri E' d'uma pomba esse olhar, Esse olhar tão dôce e morno. Que em se o vendo, côr do mar. Sente-se aromas em tôrno...

Ninguem te ouviu a voz mansa Em todo o bom Madurá, Não ha mais aguda lança, Nem tão flacido pômo ha.

Sôe a tua voz de espuma Feita de amor e gemidos, Que em volta tudo perfuma É me encanta os meus ouvidos...

Tão afogada no *chôl*, Vê como es encantadora... Não é mais formoso o sol, A lua mais sedutora.

Seu *chôl*, eu hei-de, formosa. Um dia desapertal-o; Descubrir a linda rosa, E teu corpo—hei-de beijal-o.

Teus passos, lindos, suaves, Entre o ruido dos guizos, Sam como o voar das aves, Como os mais leves sorrisos. E as sandalias de missangas... As sandalias pequeninas... Ouço sôar os murdangas, Quando passas peregrina...

E não son eu teu eleito, Por quem te arfa o lindo seio? Por ti eu tenho até feito Um leito de flôres chêio...

Aquelles seios parecem Duas pombas sobre os ninhos. Onde as torturas fenecem, Onde nascem os carinhos.

Não ha leite mais suave Que a tua voz murmurosa, Afora o teu olhar de ave, Mais o teu perfil de rosa.

E aquelle tôdo...enlouqueço... E aquelle *nôt*...e essa cara... E' tudo de um grande prêço Por ser a coisa a mais rara...



A' lua

Ella dorme—a Creança. O sonho dos meus Sonhos E nos labios risonhos A mimosa Esperança Sorri mimosa e mansa.

E ella dorme—é uma Santa Véla o brando Luay. Que passe de vagar A brisa que, além, canta. A brisa que me encanta. Como é linda a Creança! Que mistico esplendor No seu vultinho em flor! E—suave descança A adorada Creança.

A mão da Lua fina Lhe abre o cabello ao meio. As mãos em cruz no seio A minha flor divina Descança purpurina.

Os seus dêdos são lirios Que vam a colher luas Mimosas semi-nuas, ...Têm a côr dos martirios Os pequeninos lirios.

E dorme...Quem me déra Dormir assim, sorrindo, Um sono doce e infindo, Um sono—uma quimera. Suave Primavera,

E não acordar mais.
O sono—eterno sono
Suave, ao vir do Outono
Sob os tremulos mirtaes...
Sem nunca acordar mais.

En tremo de receio Se alguem vae acordal-a. Dorme a Santa—deixal-a Prêsa d'um santo enleio. Sem sustos, sem receio.

E, acordal-a, sem ver Que o Lirio está sonhando!... Ai, d'Ella em despertando!: Que pena não poder Sonhando assim--morrer.



Boudhà

Gigante, semi-deus, ó grande sismador!
Que vieste a ensinar as leis d'um grande Amor.
E abrir um casto seio á Dor, ao Sofrimento,
Encher de Luz as tenebras do Pensamento,
Chorar co'o triste as lagrimas que nos consolam
E como contas de oiro e luz sobre a Dor rolam
Que vieste a enxugar os lacrimosos cilios
E, doce sonhador, dar suaves auxilios,

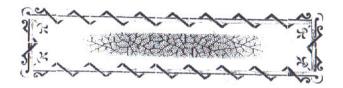
Ao heroico sofrer do triste que trabalha E vae na Bor, do berço á suave mortalha, Que vieste a colher as palmas do Martirio Para fazer do mundo um ideal Empireo E satisfeito erguer para lá das alturas As tuas ambições, bem como o luar, puras. Gigante, semi-deus, ó grande sismador, Tu es a encarnação d'um infinito amor.

Amor sem odio, amor enorme que arrebata Que fala á nossa Dor, e os corações dilata Claro como o Luar que em triste noite escura Afasta com denodo a grande Treva impura. O Sol bom que domina o negro temporal. Puro, eterno, fulgente, enorme e matinal. O Sol que nasce na Alma encantada e febril. E que ergue os corações num impeto infantil. O Sol que sabe o idioma astral do Bem, de Christo Que enche de luz o berço, a Dor, o Lirio e o Kisto O Astro, irmão de Maria, a casta Janua-cœli Que ao Bem eterno, ao ceu nossas Almas impele A Luz do altar, e a luz dos tristes hospitaes, Luz que das Almas faz sacrosantos missaes, Onde a Māe santa ensina a lêr aos doces filhos As palavras do Bem, hinos d'estranhos brilhos...

Nesta luta abrasada, infrene e fratricida Em que o Odio vae rompendo os tecidos á Vida. Nesta luta de irmãos, filhos do mesmo Amor, Em que o genio do Mal vae, esfomeado açôr Salpicando de sangue os lirios e as verbenas Tu fizeste chover diluvios de açucenas Inda te vejo assim—a consolar o triste, E, com um grande amor, abraçar quanto existe.

Tudo sofre no mundo, e é grande o Sofrimento. As dores da Materia e a Dor do Pensamento São a essencia cruel do nosso Ser...

A Morte.



Carta

1

Não chores, ouve: E' sempre assim a Vida —Prazer e Dor, sorrisos, sofrimentos Ha tudo nestas enda dolorida,

Ventura eterna, sonhos sem tormentos São como a passageira primavera —Azas levadas por irados ventos.

Quem desconhece essa atitude austera Dos que sofrem e calam tristemente Quando nos vôa a limpida quimera! 28

A nuvem que deslisa no Oriente Desfaz-se logo em cinza, em pó, em nada Se um bafo impuro a toca derepente.

Assim a timida Husão amada Que nos enche de rosas os caminhos E faz da Vida biblica estrada.

Tu choras por uão ter leito de arminhos. Damascos boreiaes na amarga senda. E no espaço asul fremitos de ninhos?

Tu choras por não ter flores de lenda Onde os pés possas mergulhar sorrindo —Num nevociro de luar e renda?!

Não chores, ouve: No sofrer infindo Ha um Bem ignorado, dentro da Alma. Que, como os sonhos, não pode ir fugindo.

Ha um luar que o temporal acalma, Ha uma Ventura enorme, e imaculada. Um Deus que nos consola, que fala á Alma.

E tu que amas, ó Lirio da Alvorada, Assim te escondes quando o sol rebenta Tu sofres assim. Pomba idolatrada? Mas...ja sei porque tua Alma sedenta Dum doirado ideal que te arrebata. Se esmaga assim numa agonia lenta.

Não poder mergulhar num mar de prata —Nas aguas auroraes d'uma esperança A doce Vida que a Ilusão dilata.

—Feliz de quem morreu quando creança. Dizes-me a soluçar, enternecida. Limpando o pranto com a loira trança.

Não chores, ouve: E' sempre assim a Vida—Prazer e Dor, sorrisos, sofrimentos, Ha tudo nesta senda dolorida.

11

Fefizes tempos em que tu me tinhas Um ingenuo sorriso cristalino. Uma larga alegria de rainhas.

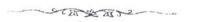
Nunca em teu casto labio purpurino Passara a Dor fremente e alucinada Como um raio num lirio matutino.

Nunca em tua Alma branca e recatada Uma Ilusão tombara desmaiando, —Lirio branco fanado á madrugada.

Tu me tinhas então um riso brando. Nesses dias que não voltarão mais, Nessas tardes de amor que iam voando. Ventura é sonho feito de oiro e de ais, Ventura é fumo que se esvae depressa Como o ligeiro canto dos pardaes.

E tu choras? Não negues, flor—confessa: E dos dias de Luz que a Dor nos veio. A Ventura é que á Dor nos arremessa.

Não chores, ouve: Tu es meu esteio. Desfolhemos no Asul os sonhos de oiro Suspensos da Esperança ao doce enleio.



Amas-me? creio
Que não podias
Amar um triste
Que se é que existe
E' por achar
No doce enleio
Do teu olhar
Um não sei que
Das alegrias
D'um ceu sem par.

Amas-me? E' certo Que dentro em mim Sinto um delirio... Mas tu, ó Lirio Mal avalias Este deserto, E não podias, Mimosa pomba, Vendo-me assim Sentil-o e amar.

Amas-me? Sim...
Viste-me triste
Um dia olhar-te
Franco e sem arte.
O ar dos devotos.
Tremulo emfim...
E, ó Flor de Lotus.
Palpitou-te a alma...
...Meiga sorriste.

0 0

Naquelle rosto Velado e franco, Suave e branco Que mimo e gosto! E crê a gente Que ao ve-la sente Vêr lá nos ceus O olhar de Deus. A's noites quando No ceu desponta A curva ponta Do Luar brando Como eu te vejo, E até desejo Viver ali Bem junto a ti.

Nas minhas maguas.
Doce Creança
Quando descança
Como entre as fraguas
O teu olhar,
Fico a sonhar
Num ninho feito
Junto a teu peito.

Ah! que ilusões!...
...Ver-te passar
Como o luar,
Como orações
Que diz tremendo
O indio vendo
Surgir distante
O sol brilhante...

Ver-te sorrir...
Ouvir-te as falas
Com que me embalas...
Sonho a florir...
Sente-se a vida
Numa guarida
De luz e plumas,
De amor e espumas.

Ao passar, lanças, Santa das santas, Bençãos, e tantas, Tantas esperanças! Que eu sinto na alma Uma luz calma ...Viver nos ceus Aos pés de Deus.



Oriental

Eu e tu

Tu es o ramo
Envolto em arminho,
Prendes o ninho
E o ninho eu sou,
Porisso te amo.
Mal passa um vento
Que sofrimento
Em mim passou.

Tu és a nuvem
Que brilha e encanta
Eu sou a planta
Morrendo á sêde;
Mal passa a nuvem
Vacila e espera,
Loira quimera,...
Sedosa rêde...

Quando na raia Do aureo poente O sol ardente, Triste agonia, Treme e desmaia. A ave no emtanto Ao ninho-encanto Feliz se guia.

Assim nas noites
Do Pensamento,
Meu Firmamento,
Meu Sonho de oiro.
Quero que acoites
Em teu regaço
Meu scismar lasso,
O meu thesoiro.

Quero que acoites O passarinho Que busca o ninho No teu cabello. Bem vês, as noites São procellesas; Esconde as rosas Do meu Anelo.

Tu es a aurora
Que eu tanto aspiro.
E até deliro
Ao ver-te assim:
A voz afora,
O olhar suave,
Como o d'uma ave.
Meu Mogarim...

Tu es o espaço
A onde habita
A Alma infinita
Das esperanças;
Es o regaço
Que o meu scismar
Anda a buscar,
Loira creança.

Es o delirio
Que eu amo tanto,
Feliz encanto,
Encanto de oiro,
Mimoso Lirio,
Mimosa Estrella,
Mimosa, e bella,
E meu Tesoiro!

Não vões, rosa, Espera, escuta, Que a força bruta Da tempestade Vence, acerosa Minha Alma triste, Que não resiste A' tempestade,

Se o teu olhar Dentro do peito Eu não estreito —Piedoso raio. Lindo luar! Se me sustenta Nessa tormenta Eu já não caio. Assim—se tu Não me olhas, ave. Meiga, suave Como ninguem. Descalso e nú. Sinto mil dores,. E os dissabores. Mais o desdem.

Mundo infinito
E a meu olhar
A divagar
Nada seduz
E é no infinito
Dos olhos teus
Que eu acho os ceus.
Que eu busco a luz.



Boudhà

Gigante, semi-deus, ó grande sismador!
Que vieste a ensinar as leis d'um grande Amor,
E abrir um casto seio á Dor, ao Sofrimento.
Encher de Luz as tenebras do Pensamento.
Chorar co'o triste as lagrimas que nos consolam
E como contas de oiro e luz sobre a Dor rolam
Que vieste a enxugar os lacrimosos cilios
E, doce sonhador, dar suaves auxilios,

Ao heroico sofrer do triste que trabalha E vae na Bor, do berço á suave mortalha, Que vieste a colher as palmas do Martirio Para fazer do mundo um ideal Empireo E satisfeito erguer para lá das alturas As tuas ambições, bem como o luar, puras. Gigante, semi-deus, ó grande sismador, Tu es a encarnação d'um infinito amor.

Amor sem odio, amor enorme que arrebata Que fala á nossa Dor, e os corações dilata Claro como o Luar que em triste noite escura Afasta com denodo a grande Treva impura. O Sol bom que domina o negro temporal. Puro, eterno, fulgente, enorme e matinal. O Sol que nasce na Alma encantada e febril. E que ergue os corações num impeto infantil. O Sol que sabe o idioma astral do Bem, de Christo Que enche de luz o berco, a Dor, o Lirio e o Kisto O Astro, irmão de Maria, a casta Janua-coli Que ao Bem eterno, ao ceu nossas Almas impele A Luz do altar, e a luz dos tristes hospitaes. Luz que das Almas faz sacrosantos missaes. Onde a Mãe santa ensina a lêr aos doces filhos As palavras do Bem, hinos d'estranhos brilhos...

Nesta luta abrasada, infrene e fratricida Em que o Odio vae rompendo os tecidos á Vida. Nesta luta de irmãos, filhos do mesmo Amor, Em que o genio do Mal vae, esfomeado açôr Salpicando de sangue os lirios e as verbenas Tu fizeste chover diluvios de açucenas Inda te vejo assim—a consolar o triste, E, com um grande amor, abraçar quanto existe.

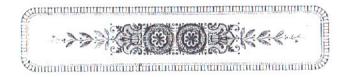
Tudo sofre no mundo, e é grande o Sofrimento. As dores da Materia e a Dor do Pensamento São a essencia cruel do nosso Ser...

A Morte,

O nirvana é a paz aveludada e forte.
Paz sem nevoas, tranquila, enorme, indefinida.
Horisonte sem bruma onde as dores da Vida
Não vão a perturbar o triste que descança,
Paz larga como o Ceu, tem a côr da Esperança.
Alva como a mortalha, e fria como o gêlo.
Onde a Terra que é Mãe põe um doirado sêlo.
Onde a tua Alma, a nossa Alma, a eterna Alma humana
Tem a ultima Husão...

E é de nós que a Luz mana Porque está dentro em nós o nosso Firmamento A gloria de o gosar só coube ao Pensamento. O nosso Ceu está, puro como a alvorada Ainda numa Dor, se é digna e imaculada.

Gigante, semideus, ò grande sismador Tu es a encarnação d'um infinito amor



Hanumât

(A proposito do exterminio dos negros e os políticos da Australia)

Raconto

Sou filho da tempestade, Gira-me a força nas veias... Enorme como as baleias. Feroz como a Crueldade,

Tenho um coração de abutre. Sob uma armadura de aço, Montes e rochas desfaço. E é de guerras que se nutre Este forte coração; Bebi o sangue do Vento. Do grande rei pestilento, E vivo do furação.

Tenho as pernas colossaes, Com que transponho inda os mares. E posso vencer os ares, E pisar os animaes.

Desconheço, nem existe Gigante que se compare Comigo; nem mão que pare As minhas armas em riste.

O' sol! O' sol! toma conta Nessa luz, nesse calor, Que em eu sentindo furor Esmago-te...Pouco monta

Que ao nascer das alvoradas Haja luz, lá no oriente, Que não cantem docemente As aladas revoadas;

Que um moruoni, que um pardal Não alvorote a verdura Com uma van partitura, Ou anime o palmeiral; Que os sorridentes pastores Não cantem entre os chocalhos. Que cantem quando ao trabalho As filhas dos lavradores;

Que se abram as pobres casas Ao nascer d'um bello dia Que os ninhos tenham poesia E os ares, fremitos de asas.

E que a gente fique morta Sem o teu vivo calor Que não rebente uma flor, Um mogarim, pouco importa.

E não fulgirás jamais, O' carvão incandescente. Nesse rosado oriente Com esses loiros punhaes.

Não fulgirás sobre mim Como um olhar de gigante. Embora vivificante Faças nascer um jasmim.

Embora essa luz ajude Os campos a rebentar; Se é que me ha-de incommodar Que me importa essa virtude?...



Estella Matutina

A Candido de Figueiredo

Basta vê-la de distante Como uma Visão de Dante Tam celeste e virginal... Pensa a gente que é a Lua Que magestosa flutúa Sobre um negro temporal.

Basta vê-la triste e mansa Solta ao vento a loira trança Os olhos fitos no ceu: Para se ter a certeza De que esse olhar de tristeza E' d'algum anjo do ceu. Basta vê-la—apenas vê-la
—A minha timida estrela.
Basta senti-la passar
Recatada, palpitando...
Para dentro em mim rezando
Meu coração ajoelhar

Como o lirio bom dos vales Que manso decerra o calix E perfuma o ambiente, Ao vê-la passar sorrindo —Quadro singular e lindo!— Esse aroma sente a gente.

Se em meu triste Pensamento Num gesto mimoso e lento Lança o seu doce olhar de ave E' a minha alma que ajoelha Porque aquelle olhar espelha Casta ventura suave

E na Vida, breve instante Nesta vida flutuante Como um profundo ai sentido. Nos prantos do Sofrimento. Nas noites do Pensamento. Nesse temporal temido A seu olhar tudo acalma
E rebenta o Dia na Alma.
Tudo se alaga de Luz.
E fico a sorrir pensando
Num ceu que de quando em quando
Me arrebata e me seduz.



Christo

(Fragmento)

Suave como o Sonho, e triste como a Lua
O ten vulto gentil que em nossa Alma flutua
Tem a cor do Misterio, e a paz d'uma alvorada.
Um não sei quê de mistico, de luz sagrada...
E esse ar de lenda, o ten sorriso de Piedade.
E a tua mão erguida, a pregar a Egualdade.
O ten sumido olhar triste como o cipreste
A abençoar as vitimas da Guerra, e Peste
Dizem-me que tu es a Alma da Humanidade
Onde a febre não queima a flor da Caridade

E devia assim ser de certo, ó doce Christo!

Porque bem se vê nesse olhar a dôr do Kisto

Das gangrenas, da Tisica, dos Escrobutos,

A Dor enorme, a Dor sem fim, eternos lutos

—Prantos, Cancros, Spleen, verdes melancolias.

Soluços, Ilusões mortas, mil agonias,

A dor da gota, a dor dos miseros herpeticos

A dor dos que não têm pão, dos tristes, dos eticos,

Bem se vê nesse olhar que tu sofres por todos.

Variolosos, tisicos, tristes e doidos,

Christo, ó Sonho auroral dos escravos da Vida,

Espirito gentil, Flor aberta em guarida!

11

A Alma da Humanidade imersa em Sofrimento Fez de ti, bom Jesus! a Flor do Sentimento Porque tu es, ó Christo, o Ideal, a Quimera, A Esperança, o Direito, a Força, a Primavera. O laço de oiro que une o Homem, verme, serpente O abutre vil, a rocha, e tudo o que é vivente Num abraço de irmãos, num soluço doirado Aberto em beijo mistico, puro e cantado...

O Homem ao vêr-te, ó Christo, Irmão dos degredados, Poem-se em pé a chorar prantos aveludados Sente-se livre e canta hinos á Liberdade, E ebrio de Deus, extatico, e meigo a Piedade Ergue ao Reino da Luz a Flor do Pensamento. E enche de luz os pélagos do Sofrimento, Penetra os ceus, e vae, em catapultas de aço, Aos pés do eterno Deus a tremer de cansaço... Todo o seu corpo é luz, seu sangue é luz, e é luz A ldea que o domina—estrela, lirio, cruz, E tem chamas de Aurora o cerebro que pensa, E o Pensamento é a luz que tudo em si condensa. A tua cruz, ó Christo, é a nossa cruz tambem, E' a cruz do escravo, é a cruz dos obreiros do Bem, E' o eterno Martirio, é a Vida tresuada, E' a Razão a lutar contra a mudez do Nada, E' a agonia da Terra, a agonia da Santo, A dôr da Natureza exausta e sem encanto Ao vir do triste Outono. E' nossa a tua Dor. Garra adunca e cruel d'um terrivel Açôr. A nossa Dor eterna em prantos mergulhada, Quando o mimo feliz da candida alvorada Alaga o nosso Sêr, e inunda os nossos peitos, Quando um santo Dever, o Dever dos Eleitos Acende os corações, e fecunda Ideaes, Enormes como o sol, como o sol divinaes.

111

Oremus:

A luz do teu olhar como um Luar de Agosto.
Teus olhos de veludo e da cor de Desgosto
Mixto de Caridade, e mixto de escur'dão,
Turibulos de Amor, flores do Coração,
Esses teus olhos lividos e soluçantes
Como sob o luar, duas bôcas de Amantes,
Ofelicos, febris, mansos, da côr do Outono
Refletindo com dor sonambulo abandono,
Esses teus olhos, Christo! esse olhar de Misterio
Derrama a soluçar neste vil Cemiterio,
E logo, bom Jesus, os tristes ossuarios,
As cruzes, os caixões, mortalhas, calvarios,
As criptas onde estão levas de degredados
Bebendo o amargo sal dos olhos marejados

Vestir-se-ão de oiro astral e de sendaes de rosas, Hão de abrir-se a sorrir caveiras radiosas, E flores, podridão, desertos, are∉aes. Sonhos. Aspirações, Ilusões, Ideaes Brilharão á Luz viva, á Luz eterna e pura Com um mimo ideal de Piedade e Candura... IV

Na Luz do teu olhar que as Almas divinisa O eterno Amor, a Vida eterna fraternisa; Condensam-se a sorrir as Almas ondulantes. —Direitos. Ideiaes, Pensamentos brilhantes. Sonhos de oiro e de luz, Vidas aereas, puras Fundidas num só beijo aereo de ternuras, Porque tu es, ó Christo, o Amor eterno, o Dia. A Alma da Humanidade, Alma que vive e ag'nia. Temeraria Niobe ardente e indefinida Que luta sem cessar contra as marés da Vida. V

Linda noite de Abril! a abobada celeste Fulgente de luar, triste como um cipreste Tinha as ocilações brandas do calmo Mar; E na serena paz mistica do luar, No triste soluçar das vagas desgrenhadas Havia um não sei quê do brilho das espadas, () éco distante e atroz d'um Sofrimento estoico. Dum batalhar febril, d'um batalhar heroico. -Do Homem contra a Desgraça, e do Bem contra o Mal, De Dom João terceiro e o velho Portugal, () éco do soluçar convulso dos proscritos De agonias sem fim—Tormentos infinitos, A Fome, a Peste, a Guerra, e os tristes Hospitaes As doenças crueis, esfomeados chacaes,— O éco da Tempestade atroz do Pensamento. O titanico Job glorioso, sedento,

E o triste éco febril d'uma revolução Quando a mola da Força estala no c'ração E eu vi sair da sombra arfando de cansaço O vulto de Jesus numa armadura de aço Era o mesmo olhar claro, a mesma altiva fronte Placida como o ceu na curva do horisonte. O braço erguido, a face angelisada, estoica Espelhando a Amargura, uma tristeza heroica. Eu vi-o mansamente erguer-se sobre os ares E o seu direito olhar penetrar-se nos lares Como uma chuva astral de bençãens, de ternuras Como um suave balsamo ás dores impuras Que roem sem cessar a Alma da Humanidade. Tu tinhas então, Christo, o aspéto da Verdade. O olhar bom de Marnix, a mudez dos assombros. Forte como o Direito, e triste como a Noite, E levavas na mão uma espada—um açoite ... E eu vi passar na sombra as almas doloridas Como passam no Asul as nuvens, esvaidas -A Alma da flor que murcha, e a Alma de Prometheu, Desde o imundo rétil até a Aguia do Ceu Chorando um chôro amargo e fremente e convulso Como quem traz grilhões a manietar o pulso -Era a onda enorme, a mole imensa de Ideaes A quebrar-se na rocha entre o rir dos chacaes. O fragor do Mar era o fragor infinito Das grandes ambições, d'um Ideal proscrito. — A aspiração do escravo, a vaga aspiração Que estala muita vez dentro do coração.

Era sombrio o ceu, a noite enorme e fria.

Duma branca mudez pesada de agonia.

Dum palido luar choroso como um treno.

E tu ergueste então o teu olhar sereno.

Onde ardia a Razão, a Força, o Sentimento,

Tudo quanto há de nobre em nosso Pensamento.

Desde o nascer da Idéa até o acto cons'mado

O olhar de pensador, de artista, de soldado

E fitando-o com Fé na multidão affita

Que te pedia numa agonia infinita

O teu braço, o teu sangue e inda a tua cabeça

P'ra quebrar os grilhões—não ha quem mais te peça—

Tu disseste a sorrir á triste Humanidade

—Dou-te; e tudo será p'la santa Liberdade.



Mapuçá-India Portuguêsa-1904

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
17	11	Só por ti que eu saia	Só por ti é que en saia
21	23	mal	mar
22	17	Sen	Teu
39	4	as tenebras	a Noite atroz

Acabou de imprimir-se Este livro

Aos 17 de junho de 1904

Nos prelos da typographia "Rangel" de Bastorá

PARA

Antonio Francisco Magalhães

400